

## **Outros olhares: ensinando e aprendendo na ocupação Manuel Congo**

Diogo Vieira do Nascimento (UERJ/CNPQ)

Fabiana da Silva (UERJ/CNPQ)

Orientador: Mailsa Carla Passos (UERJ)

Eixo temático: Fazendo escola com múltiplas linguagens.

### **Resumo**

Sabendo que a escrita é um objeto cultural que cumpre distintas funções sociais e apresenta-se de maneira concreta, principalmente, nos ambientes urbanos, onde somos cercados de diferentes informações inseridas numa complexa rede de relações. Buscamos com esse trabalho, desenvolvido na ocupação Manuel Congo, situada no Centro do Rio de Janeiro, trazer um relato de aquisição da escrita através das imagens utilizadas como objetos culturais alfabetizadores na formação do sujeito, apresentando como objetivo compreender o papel das imagens na aquisição da escrita, fazendo uso das narrativas dos sujeitos que ocupam aquele espaço. A fim de elencar as categorias de análise, efetivam-se um recorte nas atividades estudadas, focando a confecção da aquisição da escrita pelo uso das imagens. Nessa análise ficou bastante evidente a influência da mídia na apropriação da leitura e da escrita. Por fim, a pesquisa vem mostrando que os objetos culturais, quando trabalhados significativamente pelo educador, permitem que sujeitos à margem da sociedade vejam mais do que breves informações, não se restringindo apenas à decodificação da palavra, mas, também, à formação do indivíduo, ao desenvolvimento da leitura crítica e à emergência da construção da identidade. Pois as conseqüências dessa aquisição trazem a idéia de pertencimento segundo Bauman (2004) muito importante para se libertar da guetização.

### **INTRODUÇÃO: FALANDO UM POUCO SOBRE A OCUPAÇÃO MANUEL CONGO**

A ocupação Manuel Congo conta com cinquenta e duas famílias, formadas por sujeitos de múltiplas vivências, unidas por histórias de lutas e força para continuar a busca pelo direito de viver em sua casa própria. A ocupação traz o nome do líder quilombola Manuel Congo, um quilombola que enfrentou os barões de café no Estado do Rio de Janeiro. Tomada às devidas proporções a luta é a mesma, enfrenta-se os problemas sociais de outros tempos.

Atualmente a ocupação Manuel Congo ocupa um antigo cinema, conhecido como Cine Vitória, ao lado da Câmara Municipal do Rio de Janeiro e em frente ao quartel da Polícia Militar.

À medida que se sobem as escadas, verificam-se tipos e quantidades de cômodos diferentes em cada andar, seguramente aproveitáveis para dormitório ou outras dependências de uma casa convencional: banheiro e sala de estar. A parte habitada pelos novos moradores que ali estão se distingue dos outros cômodos que não estão sendo

utilizados, as luzes já foram providenciadas. É possível ouvir o barulho da “criança” brincando pelos corredores e sentir no ar o cheiro da comida sendo preparada pelas moradoras que se mostram felizes pela conquista do espaço que elas chamam de maravilhoso “pedacinho do céu”.

A ocupação segue em fase de organização. Todos se ajudam, a cozinha é comunitária. Os alimentos estão sendo doados por movimentos sociais e sindicatos que os apóiam.

Quando os estudantes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) chegaram com o projeto do letramento criou-se um novo ânimo por parte dos moradores da ocupação, que se sentiram motivados a voltarem para a escola, podendo caminhar junto ao projeto.

## **OBJETIVOS: O PROJETO DO LETRAMENTO**

O projeto do letramento surgiu a partir de uma conversa de duas alunas da UERJ. O primeiro objetivo percebido era que alfabetizar não era o suficiente, seria preciso possibilitar o letramento. Entendemos que um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado. Alfabetização é simplesmente ensinar a ler e escrever. Já o processo de letramento é mais complexo, pois compreende-se por sujeitos que sabem ler e escrever, mas que respondem adequadamente às demandas sociais da leitura e da escrita.

Alfabetizar letrando é ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita. A linguagem é um fenômeno social, estruturada de forma coletiva do ponto de vista sócio-político-cultural. Por isso, o nome do projeto foi letramento, pois entendemos que a palavra letramento é utilizada no processo de inserção dos sujeitos nas práticas sociais cotidianas.

Há duas formas segundo as quais comumente se entende a alfabetização: ou como um processo de aquisição individual de habilidades requeridas para a leitura e escrita, ou como um processo de representação de objetos diversos, de naturezas diferentes. O mal-entendido que parece estar na base da primeira perspectiva é que a alfabetização é algo que chega a um fim, e pode, portanto ser descrita sob a forma de objetivos instrucionais. Como processo que é parece-nos que antes o que caracterizava a alfabetização é a sua incompletude. Com isso, fica subentendido, pelo aspecto sociointeracionista, que a alfabetização é algo que nunca será alcançado por completo,

não há um ponto final. Na realidade, existe a extensão e a amplitude da alfabetização no educando, no que diz respeito às práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita. Neste âmbito, muitos estudiosos discutem a necessidade de se transpor os rígidos conceitos estabelecidos sobre a alfabetização, e assim, considerá-la como a relação entre os educandos e o mundo, pois, este está em constante processo de transformação. E o indivíduo para não ser atropelado e marginalizado pelas mudanças sociais deverá acompanhar, através da atualização individual, o processo que levará ao crescimento e desenvolvimento. Não que o educando não tenha qualquer saber antes da alfabetização, pelo contrário, sabemos que todo indivíduo possui diversos conhecimentos. E, isto, foi muito bem discorrido por Paulo Freire (1990):

“O ato de ler e escrever deve começar a partir de uma compreensão muito abrangente do ato de ler o mundo, coisa que os seres humanos fazem antes de ler a palavra. Até mesmo historicamente, os seres humanos primeiro mudaram o mundo, depois revelaram o mundo e a seguir escreveram as palavras”.

A leitura e a escrita são práticas culturais de grande importância em nossa sociedade, principalmente nos ambientes urbanos, onde somos cercados de diferentes informações inseridas numa complexa rede de relações, boa parte delas que dependem do acesso ao código escrito. Buscamos com esse trabalho, desenvolvido na ocupação Manuel Congo, trazer um relato de um processo de aquisição da leitura e escrita. O trabalho consiste na apresentação e discussão das imagens, utilizadas como “ferramentas” no processo de alfabetização dos sujeitos. Nosso objetivo é compreender o papel dessas imagens na aquisição da escrita, em diálogo com as narrativas dos sujeitos que ocupam aquele espaço.

O uso das imagens, principalmente no espaço público, sofre grande influência da indústria cultural, mais particularmente nas formas como a mídia determina a apresentação dos fatos sociais sobre a realidade. A outra face da moeda reside na necessidade da relação do movimento com a mídia, a fim de fortalecer suas representações simbólicas (Bourdieu, 1989). No processo de construção social da imagem dos moradores da ocupação Manuel Congo, há uma representação visual da

ocupação na mídia que se contrapõe a uma representação visual e estética produzida pelos atores do próprio movimento ou agentes sociais simpatizantes com a sua causa.

Buscamos analisar, como, a partir das formações identitárias, se desenvolve a produção cultural e a identidade social de resistência dos moradores da ocupação, com base no conceito de identidade cultural e processos identitários na sociedade globalizada. Essa análise se fundamenta na investigação de como a mídia produz imagens e representações sobre as ações de ocupações.

## **METODOLOGIA DO PROJETO: CULTURA VISUAL E IMAGEM DA MÍDIA**

A fotografia possui um ponto de convergência com a identidade que se apresenta bastante interessante à sociologia no que diz respeito à representação. “As identidades são produzidas e reguladas na cultura, criando significados através dos sistemas simbólicos de representação, que permitem uma aproximação do caráter dos indivíduos”. (Caetano, 2007:5). Seguindo esta idéia, a fotografia também pode ser utilizada como instrumento metodológico tendo em vista a grande carga de informação contida numa fotografia. A princípio, esta nos parece uma mera reprodução mecânica fiel de uma determinada realidade, no entanto ela projeta algo determinado e pré-concebido sobre o produtor que intervém diretamente na sua produção. Daí o princípio da fotografia como um intermédio (Bourdieu, 1979) entre o objetivismo mecânico da fotografia e o subjetivismo da sua produção o qual participou de um processo de construção que, inevitavelmente, passou por um processo de seleção que envolve, necessariamente, valores estéticos e éticos.

A ligação entre a proposta autônoma da fotografia com os valores éticos e estéticos nela embutidos permite organizar os esquemas de percepção e de pensamento comuns a todo um grupo. O seu uso sociológico se justifica ainda pela larga utilização da fotografia, considerada uma arte de acesso mais irrestrito.

No entanto, não basta reconhecer o status sociológico das imagens, sem perceber sua relação com a sociedade. Há, atualmente, uma predominância da indústria cultural nas formas de distribuição da informação (Sardelich, 2006), principalmente após o final da década de 70 quando os sistemas audiovisuais entraram em ascensão. Esse é um marco que nos leva a buscar uma melhor compreensão da utilização da semiótica nos mais diversos campos relativos à cultura, desde a educação, a ação política, o

comportamento etc. Vivemos um período marcado pela cultura visual no qual se faz necessário uma maior necessidade de decodificação das informações visuais.

Semelhante crítica, direcionada à alfabetização gráfica, serve para a forma como se desenvolve a alfabetização visual (LIMA, 1988), isto é, formação preponderante de leitores autômatos e não autônomos, onde os indivíduos são capazes de reconhecer os códigos, no entanto, não são capazes de interpretá-los criticamente de acordo com suas leituras no cotidiano.

Sob o aspecto da imagem produzida e vista pelos moradores da ocupação, utilizamos o argumento que as imagens apresentadas na mídia, principalmente nas revistas, possuem um determinado valor visual ideologicamente constituído e que são de fácil aceitação ao ser utilizados na prática da leitura pois tem a facilidade de dialogar com as suas práticas cotidianas, ou seja, eles estão vendo nas imagens o que eles vivem no seu cotidiano

No entanto, o projeto tem como cunho ideológico preponderantemente os textos e legendas colocadas nas fotos. As representações que levamos para a sala de aula são, em geral, negativas e positivas, pois procuramos dialogar com o conhecimento que eles trazem, visando assim a legitimidade das bandeiras do próprio movimento, bem como transmitir a idéia de que a luta deles somente será reconhecida como a luta de todos quando ela representa a idéia de um grupo que pretende dialogar com a educação.

## **RESULTADOS E CONCLUSÕES**

A partir disso, temos visto nesse pouco tempo do projeto na ocupação Manuel Congo uma maior procura por parte dos moradores que se sentem à vontade por causa do uso das imagens. Ao serem questionados sobre o porquê do interesse pelo projeto escutamos a seguinte resposta: "é que quando usamos fotos para ensinar parece que as coisas entram mais fácil na cabeça do que somente com o velho método de ensinar a ler com o caderno e cartilha na mão"<sup>1</sup>.

Acreditamos que é inconveniente afirmar que existe “nível zero” de letramento, não há veracidade nessa afirmação. Então, o que se propõe é o uso de termos próprios, do tipo: níveis ou graus de letramento. Levando assim, em consideração o que Paulo Freire (1990) muitas vezes insistiu em sua pedagogia “de que a leitura do mundo

---

<sup>1</sup> Fala de Dona Maria. Moradora da Ocupação Manuel Congo.

precede a leitura da palavra”, e ainda, “o ato de aprender a ler e escrever deve começar a partir de uma compreensão muito abrangente do ato de ler o mundo, coisa que os seres humanos fazem antes de ler a palavra”. Isso quer dizer que o indivíduo não é um depósito vazio e zerado antes da alfabetização, e ali, nós, educadores, estaremos enchendo-o com informações mecânicas e institucionais, através de um processo de escolarização. Ele já possui sua peculiar capacidade de leitura dentro do seu contexto social para sobreviver em meio ao grupo em que vive. A alfabetização com a prática do letramento trará ao indivíduo capacidades, competências, habilidades diversas para que este se envolva com as variadas demandas sociais de leitura e escrita.

Por fim, a pesquisa vem mostrando que os objetos culturais, quando trabalhados significativamente pelo educador, permitem que sujeitos à margem da sociedade vejam mais do que breves informações, não se restringindo apenas à decodificação da palavra, mas, também, à formação do indivíduo, ao desenvolvimento da leitura crítica e à emergência da construção da identidade. As conseqüências dessa aquisição trazem a idéia de pertencimento segundo Bauman (2003) importante para se libertar dos processos de guetificação.

Pois, segundo Baumam (2003), o que os indivíduos provavelmente vêm na comunidade como no caso da ocupação, é uma garantia de "certeza, segurança e proteção"- três qualidades que mais lhes fazem falta nos afazeres da vida e que não podem obter isolados e dependendo dos recursos escassos de que dispõem individualmente. Assim, a "comunidade ética", proposta por Baumam (2003:10), "seria tecida de compromissos de longo prazo, do tipo compartilhamento fraterno, de direitos inalienáveis e obrigações inabaláveis, com perspectiva de futuro".

Entretanto, de onde viria essa percepção de segurança positiva do conceito de comunidade? Seja da onde for essa percepção vem da idéia de paraíso ligada diretamente à idéia de inocência, de pertencimento a um grupo sem interesses individualistas. É por isso que os moradores da ocupação vêm a idéia do projeto de letramento como uma boa oportunidade, pois eles não têm que sair da sua comunidade para ganhar o mundo, e a perda desse “paraíso” causa medo. Por outro lado, a compreensão de que o projeto vai trazer para eles a liberdade de saber ler e escrever acaba gerando uns dos dilemas mais significativos para a compreensão das dinâmicas sociais da contemporaneidade. Pois paradoxalmente, eles almejam e resistem à idéia de segurança coletiva em prol da liberdade individual que eles irão ter por deter o conhecimento da leitura e da escrita.

O projeto letramento tem pouco tempo e a avaliação que é feita por parte dos membros é quinzenal. E o que temos visto nesses seis meses é que membros participantes do projeto voltaram para a sala de aula. Participam do projeto vinte e três moradores da ocupação e desses vinte e três quinze voltaram a estudar motivados pelo projeto. Eles narram que encontraram certa dificuldade no acompanhamento das aulas na escola regular, mas como na estrutura do projeto também temos reforço escolar as dificuldades estão sendo gradativamente sanadas pelos professores voluntários que fazem parte do projeto letramento.

Vemos nesses seis meses de projeto que o trabalho empregado ainda está longe de ser acabado, pois na ocupação Manuel Congo existem cinquenta e duas famílias e em cada uma dessas famílias existe um membro que nunca frequentou a sala de aula ou parou de estudar no ensino fundamental.

## **REFERÊNCIAS**

FREIRE, Paulo; DONALDO, Macedo. Alfabetização: leitura da palavra leitura do mundo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

KLEIMAN, Ângela B. Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. 2ªed. 6ª reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

TFOUNI, Leda Verdiani. Letramento e alfabetização. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2004

BOURDIEU, Pierre. La fotografia: un arte intermédio, Trad. Tununa Mercado, México, Nueva Imagen, edición en español, 1979.

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Lisboa, Difel. 1989.

CASTELLS, Manuel. O Poder da Identidade. São Paulo. Paz e Terra, vol.II, 1999.

LIMA, Ivan. A fotografia é a sua linguagem. Apresentação Walter Firmo. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 1988. (ORGs). Desafios da Imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas, Papirus. 2001.

Bauman, Z. 2003. A sociedade líquida de Zygmunt Bauman. Folha de São Paulo, 19.out., Caderno "Mais", p.5.

Bauman, Zigmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

SALGADO, Sebastião. Terra. Prefácio José Saramago. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.